

Figura 9 - Mapeamento Quadrante A.

## QUADRANTE A - LEVANTAMENTO DE DADOS

**Trecho aberto em vegetação densa: 1.146,19 m**

Trechos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

No Quadrante A se distribuem várias nascentes cujos corpos d'água se juntam e dão forma a um corpo d'água principal (P3 – Trecho 11) que flui em direção ao Quadrante B (Fotos 14 a 16). Todos os trechos estão abertos e passam pela vegetação densa (Fotos 17 e 18).



Foto 14 - Corpo d'água aberto no P1 (Trecho 1).



Foto 15 - Corpo d'água aberto no P2 (Trecho 7).



Foto 16 - Corpo d'água principal no P3 (Trecho 11).



Foto 17 - Vista da vegetação densa no P3 (Trecho 11).



Foto 18 - Vista da vegetação densa no Trecho 12.

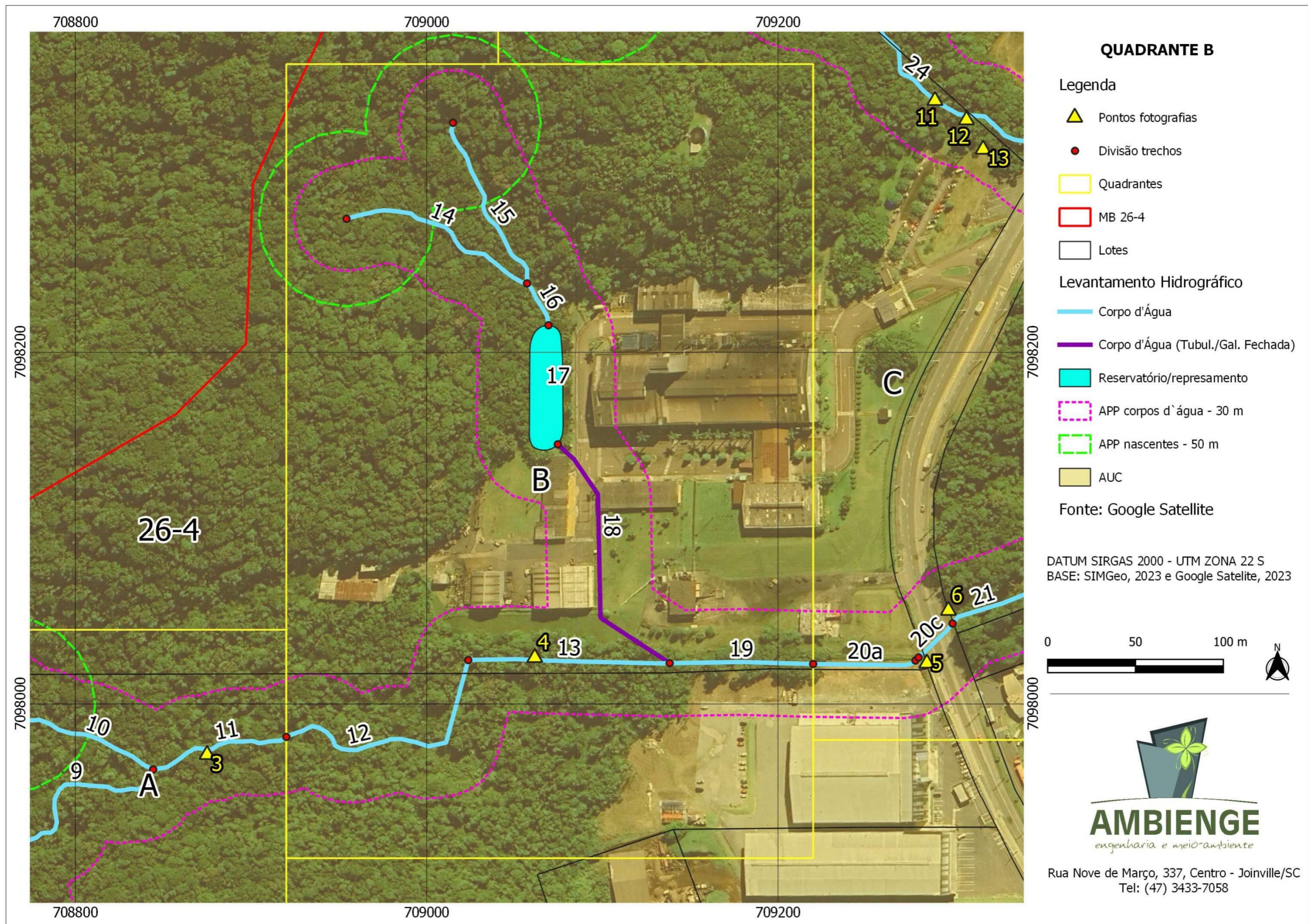


Figura 10 - Mapeamento Quadrante B.

## QUADRANTE B - LEVANTAMENTO DE DADOS

**Trecho aberto em vegetação densa:** 398,86 m

Trecho 12, 14, 15, 16.

**Trecho aberto parcialmente em vegetação densa:** 114,74 m

Trecho 13.

**Trecho fechado, incluindo sob via:** 235,87 m

Trechos 18 e 19\*.

**Reservatório/Represamento:** 69,40 m

Trecho 17.

\*Necessita de correção da base.

No Quadrante B se posicionam duas nascentes (que dão origem aos trechos 14 e 15) que se juntam e alimentam uma pequena lagoa de represamento (Trecho 17), fluindo em seguida de forma tubulada em direção ao corpo d'água principal (Trechos 13 e 19), sendo que o Trecho 19 encontra-se tubulado (necessita de correção da base). O Trecho 18, totalmente tubulado, passa por dentro de um imóvel industrial, sob as vias internas de circulação e ao lado de edificações, sendo que uma delas, pertencente ao Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville, está predominantemente inserida na APP (Fotos 19 a 22).



Foto 19 - Representação parcial dos trechos do Quadrante B, a partir de foto tirada por drone.



Foto 20 - Representação parcial dos trechos do Quadrante B, a partir de foto tirada por drone.



Foto 21 - Corpo d'água principal no P4 (Trecho 13).



Foto 22 - Vista para o trecho fechado 19 a partir do P5. Nota: Percebe-se a presença da edificação dos Bombeiros Voluntários de Joinville, ao lado do Trecho 19.



É neste quadrante que se observa a maior incidência das áreas abertas com árvores isoladas que, por sua vez, fazem parte do contexto de ocupação dos lotes industriais.

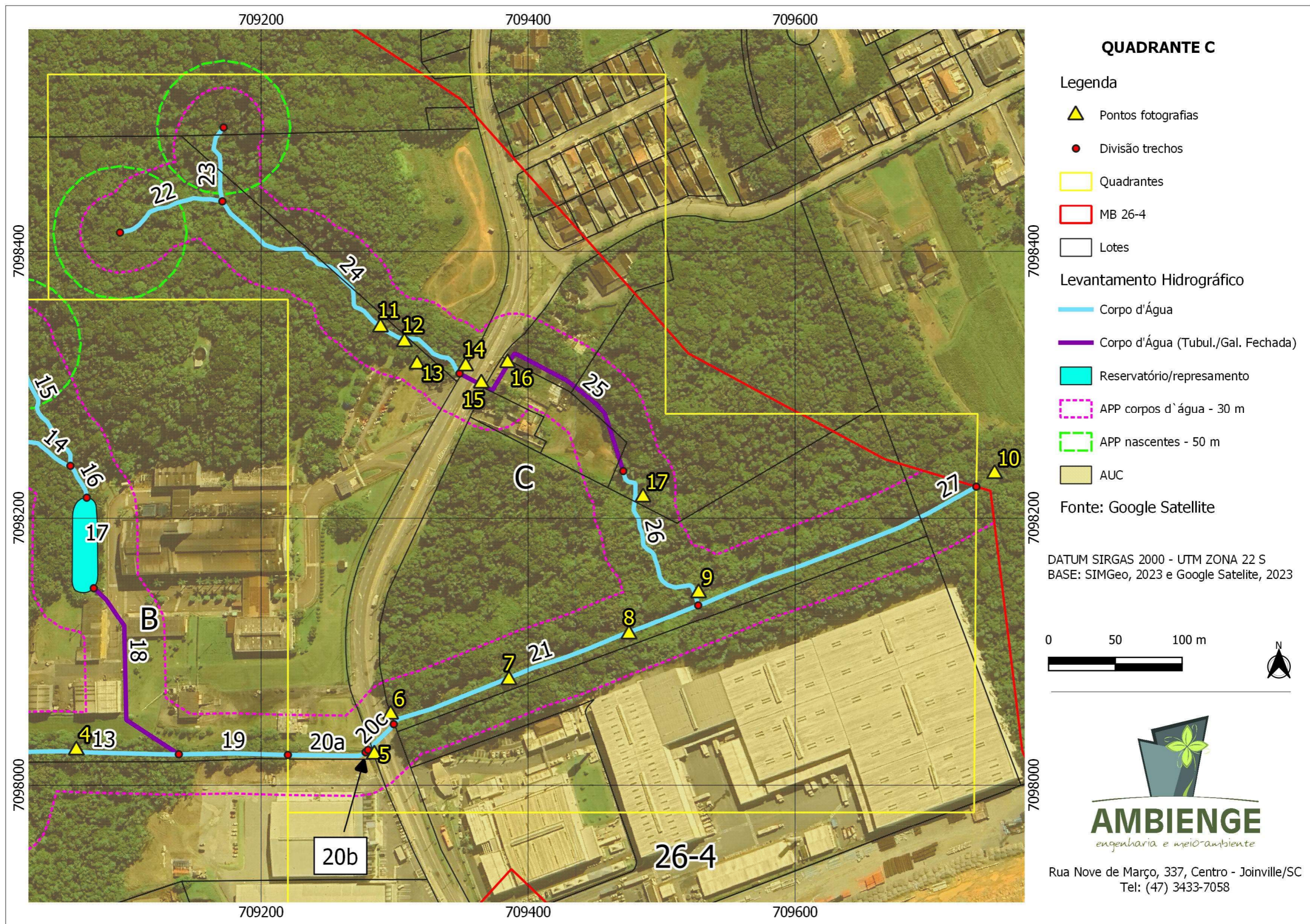


Figura 11 - Mapeamento Quadrante C.

## QUADRANTE C - LEVANTAMENTO DE DADOS

**Trecho aberto em vegetação densa: 512,48 m**

Trechos 22, 23, 24, 26.

**Trecho aberto retificado em vegetação densa: 472,45 m**

Trechos 21, 27.

**Trecho aberto em área com árvores isoladas ou sem vegetação: 2,53 m**

Trecho 20b.

**Trecho fechado, incluindo sob via: 273,74 m**

Trechos 20a\*, 20c\* e 25.

\*Necessita de correção da base.

O Quadrante C se inicia com o Trecho 20a, onde o curso d'água segue fechado (necessita de correção da base), em seguida há um pequeno trecho aberto (Trecho 20b), antes da travessia sob a R. Dona Francisca. Na travessia sob a R. Dona Francisca está o trecho fechado 20c (necessita de correção da base), sendo que após a travessia desta rua se inicia o trecho aberto 21 (Fotos 23 a 27). A calha hídrica do trecho aberto 21 segue retificada pelo trecho 27 até desembocar no Rio Mississippi (P10), já fora da microbacia em estudo, e em suas margens se desenvolve uma vegetação densa (Foto 28).



Foto 23 - Representação parcial dos trechos da microbacia, a partir do Quadrante B até o trecho 21 do Quadrante C.



Foto 24 - Vista para os trechos 20a (fechado) e 20b (aberto), pouco antes do ingresso em tubulação sob a Rua Dona Francisca (P5). Nota: Trecho 20a necessita de correção da base.



Foto 25 - Trecho fechado 20c (sob Rua Dona Francisca - entre P5 e P6). Nota: necessita de correção da base.



Foto 26 - Desemboque do corpo d'água principal fechado sob a Rua Dona Francisca em trecho aberto em calha retificada (início do trecho aberto 21 – P6).



Foto 27 - Corpo d'água aberto em calha retificada (Trecho 21 – P7).



Foto 28 - Vista para corpo d'água aberto em calha retificada (a partir do P6), com presença de vegetação densa nas margens (Trecho 21).

Nas áreas ao norte do eixo principal existe uma área úmida com presença de lírios do brejo. Possivelmente essa área brejosa se formou devido as obras de limpeza do corpo, com retirada de material do fundo da calha e deposição na margem norte do curso, formando assim uma espécie de barreira, dificultando assim a drenagem natural do terreno ao norte do curso. Em visita a campo verificou-se a presença de algumas valas escavadas com intuito de melhorar a drenagem da citada área úmida. Em uma dessas valas escavadas verificou-se fluxo hídrico desembocando no corpo d'água principal (P9), conforme fotografia abaixo (Foto 29).



Foto 29 - Desemboque de fluxo hídrico proveniente de área úmida em corpo d'água principal (Trecho 21) (P9).

No Quadrante C, sob a vegetação densa, também se posicionam duas nascentes que dão origem aos trechos 22 e 23, se juntam no Trecho 24 e dão forma a um córrego afluente do corpo d'água principal (Fotos 30 a 33).

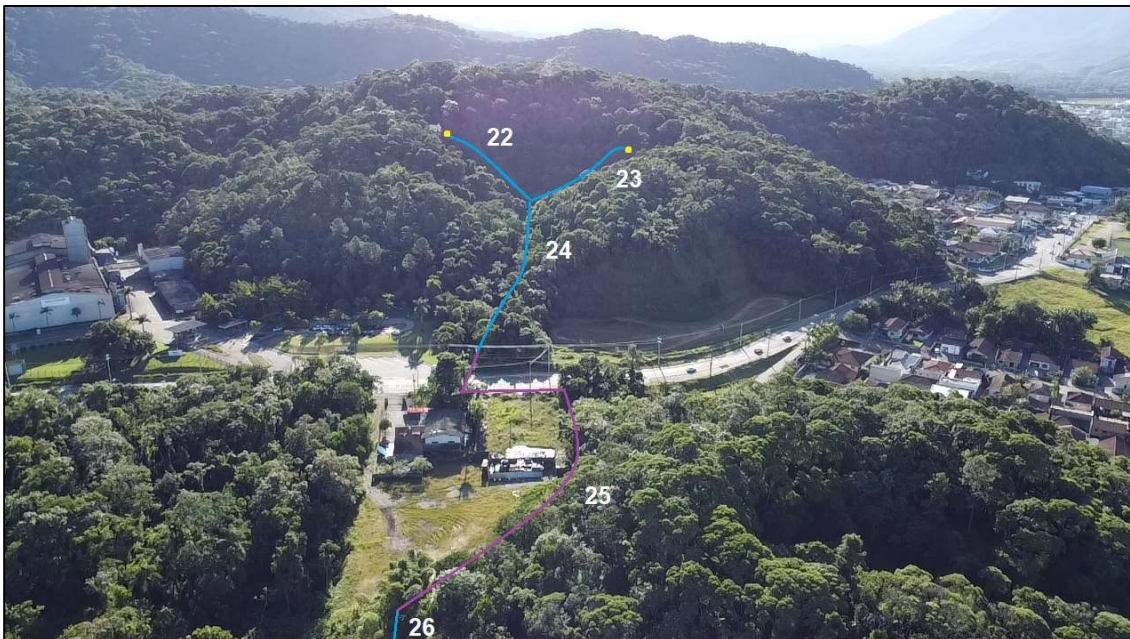


Foto 30 - Representação dos trechos iniciados a partir das nascentes presentes no Quadrante C, dando início aos trechos 22 e 23, até o trecho 26.



Foto 31 - Corpo d'água aberto (Trecho 24 - P11).





Foto 32 - Corpo d'água aberto (Trecho 24 - P12).



Foto 33 - Vista para corpo d'água aberto em área brejosa (Trecho 24 - P13).

Esse corpo d'água flui de forma aberta até o encontro com a Rua Dona Francisca (P14), onde o mesmo ingressa em tubulação (trecho 25) e flui fechado até as proximidades do P17. Na sequência ele desemboca no trecho 26 e dá forma a uma área alagadiça com presença de lírios de brejo (Fotos 37 a 39). Ainda que o início do trecho 26 ocorra numa clareira em razão da condição úmida do solo, a projeção das margens da APP está sob a vegetação densa que predomina no trecho. Após isso o corpo d'água flui de maneira aberta até desembocar no corpo d'água principal – Trecho 21 (P9 – Fotos 40 a 42).



Foto 34 - Corpo d'água fechado sob a Rua Dona Francisca (Trecho 25 - P14 para P15).



Foto 35 - Corpo d'água fechado sob a Rua Dona Francisca (Trecho 25 - P14 para P15).



Foto 36 - Caixa de passagem hídrica próxima ao P16, por onde o Trecho 25 corre tubulado.



Foto 37 - Região de desemboque do trecho fechado 25 no trecho aberto 26 (área brejosa - P17).



Foto 38 - Região de desemboque do trecho fechado 25 no trecho aberto 26 (área brejosa - P17).



Foto 39 - Região de desemboque do trecho fechado 25 no trecho aberto 26 (área brejosa - P17).



Foto 40 - Região de desemboque do afluente (Trecho 26) no corpo d'água principal (Trecho 21) (P9).



Foto 41 - Região de desemboque do afluente (Trecho 26) no corpo d'água principal (Trecho 21) (P9).



Foto 42 - Ponto de desemboque do afluente (Trecho 26) no corpo d'água principal (Trecho 21) (P9).

A partir do desemboque do trecho 26 no trecho 21, tem-se a identificação do trecho 27, que segue aberto até o exutório da microbacia no rio Mississippi – já fora da abrangência da MB 26-4 (Fotos 43 e 44).



Foto 43 - Exutório da microbacia em estudo no Rio Mississippi (P10 – fora da microbacia em estudo).



Foto 44 - Corpo d'água aberto em calha retificada sob vegetação densa, desaguando no Rio Mississippi (Trecho 27).

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 5.1 Matriz de Impactos

Para a composição da matriz de impactos foi adotada a metodologia de Perini *et al.*, 2021, em conformidade com a metodologia proposta pela Instrução Normativa nº 005/2022 da SAMA. Para isso, foram avaliados os diferentes cenários encontrados no local (Tabela 7), e atribuídas pontuações de acordo com os parâmetros da matriz (Tabelas 8 e 9). Ao final, a soma dos pontos de impactos positivos foi comparada com a soma dos pontos de impactos negativos e, com isso, determinado qual o cenário deve prevalecer sobre os trechos.

Tabela 7 - Definição dos macro cenários aplicados à matriz.

Macro cenários
Trecho aberto em vegetação densa
Trecho aberto retificado em vegetação densa
Trecho aberto em área com árvores isoladas ou sem vegetação
Trecho aberto parcialmente em vegetação densa
Trecho fechado em área com árvores isoladas ou sem vegetação
Trecho fechado, incluindo sob via
Reservatório/Represamento

Tabela 8 - Descrição dos critérios de impactos aplicados à matriz.

Critério	Impacto	Pontuação	Descrição
Valor	Positivo		Quando a ação causa melhoria ou dano da qualidade do parâmetro. A definição do valor (positivo ou negativo) servirá de base para a soma dos pontos de relevância e reversibilidade. Ou seja, se um critério for definitivo como um impacto negativo perante determinado cenário, a soma das pontuações de relevância e reversibilidade serão negativas.
	Negativo		
Relevância	Baixo	1	A relevância pode ser positiva ou negativa, essa determinação é definida na coluna anterior (valor). O grau de relevância pode ser baixo (com atribuição de 1 ponto), médio (atribuição de 2 pontos) ou alto (atribuição
	Médio	2	



Critério	Impacto	Pontuação	Descrição
	Alto	3	de 3 pontos). A avaliação da relevância deve ser feita considerando a situação atual (cenário observado em campo) e o grau de impacto de cada critério que efetua em cada caso.
Reversibilidade	Baixo	3	Quando cessada a ação, avalia-se a facilidade de retornar às condições opostas ao estudado em cada caso. Assim, entende-se que quanto mais baixa a reversibilidade, mais difícil será para se retornar à situação anterior (impacto). Por exemplo, se um critério apresentar baixa reversibilidade, então haverá mais dificuldade para se reverter a situação oposta. Sendo assim, o baixo impacto é representado com 3 pontos, pois enquadra uma reversão mais dificultosa.
	Médio	2	
	Alto	1	

Tabela 9 - Matriz de impactos.

MATRIZ DE IMPACTOS			CRITÉRIOS			PONTUAÇÃO		POSITIVO	NEGATIVO	
TRECHOS	CENÁRIOS	IMPACTOS	VALOR	RELEVÂNCIA	REVERSIBILIDADE					
<b>QA:</b> 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11; <b>QB:</b> 12, 14, 15, 16; <b>QC:</b> 22, 23, 24 e 26.	Trecho Aberto em Vegetação Densa	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação hipotética	Permeabilidade do solo	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6	10	30
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Baixa	Baixa	5x(1+1)	10		
	Predominância de características naturais - real	Permeabilidade do solo	Positivo	Alta	Alta	3+3	4	28	10	
		Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Alta	Alta	3+3	6			
		Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Alta	Alta	3+3	6			
		Influência sobre a fauna	Positivo	Alta	Alta	3+3	6			
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Alta	Alta	3+3	6			
Urbanização (Critério 5x)		Negativo	Baixa	Baixa	5x(1+1)	10				
<b>QC:</b> 21 e 27.	Trecho Aberto Retificado em Vegetação Densa	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação hipotética	Permeabilidade do solo	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6	20	23
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Média	Média	2+2	4		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Média	Média	2+2	4		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Baixa	Média	1+2	3		
			Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Alta	Baixa	5x(3+1)	20		
	Permeabilidade do solo	Positivo	Alta	Alta	3+3	4	21	20		
		Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Média	Média	2+2			4	

MATRIZ DE IMPACTOS			CRITÉRIOS			PONTUAÇÃO		POSITIVO	NEGATIVO	
TRECHOS	CENÁRIOS	IMPACTOS	VALOR	RELEVÂNCIA	REVERSIBILIDADE					
	Predominância de características naturais - real	Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Alta	Alta	3+3	6			
		Influência sobre a fauna	Positivo	Média	Média	2+2	4			
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Baixa	Média	1+2	3			
		Urbanização (Critério 5x)	Negativo	Baixa	Alta	5x(1+3)	20			
QB: 13.	Trecho Aberto Parcialmente em Vegetação Densa	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação hipotética	Permeabilidade do solo	Negativo	Média	Média	2+2	4	10	24
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Alta	Média	3+2	5		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Alta	Média	3+2	5		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Média	Baixa	2+3	5		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Média	Baixa	2+3	5		
			Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Baixa	Alta	5x(1+1)	10		
	Predominância de características naturais - real	Permeabilidade do solo	Positivo	Média	Alta	2+3	5	21	20	
		Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Alta	Alta	3+1	4			
		Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Alta	Média	3+2	5			
		Influência sobre a fauna	Positivo	Média	Média	2+2	4			
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Média	Alta	2+1	3			
		Urbanização (Critério 5x)	Negativo	Baixa	Alta	5x(1+3)	20			
QC: 20b	Trecho aberto em área com árvores isoladas ou sem vegetação	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação - Real	Permeabilidade do solo	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6	30	25
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Média	Baixa	2+3	5		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		

MATRIZ DE IMPACTOS			CRITÉRIOS			PONTUAÇÃO		POSITIVO	NEGATIVO	
TRECHOS	CENÁRIOS	IMPACTOS	VALOR	RELEVÂNCIA	REVERSIBILIDADE					
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4	16	20	
		Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Alta	Baixa	5x(3+3)	30			
	Ações de Renaturalização - Hipotética	Permeabilidade do solo	Positivo	Alta	Média	3+2	5			
		Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Média	Alta	2+1	3			
		Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Alta	Alta	3+1	4			
		Influência sobre a fauna	Positivo	Baixa	Alta	1+1	2			
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Baixa	Alta	1+1	2			
Urbanização (Critério 5x)	Negativo	Alta	Alta	5x(3+1)	20					
<b>QB: 18, 19;</b> <b>QC: 20a, 20c,</b> <b>25.</b>	Trecho fechado, incluindo sob via	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação - Real	Permeabilidade do solo	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6	30	25
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Média	Baixa	2+3	5		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Alta	Baixa	3+3	6		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		
			Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Alta	Baixa	5x(3+3)	30		
	Ações de Renaturalização - Hipotética	Permeabilidade do solo	Positivo	Alta	Média	3+2	5	16	20	
		Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Média	Alta	2+1	3			
		Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Alta	Alta	3+1	4			
		Influência sobre a fauna	Positivo	Baixa	Alta	1+1	2			
		Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Baixa	Alta	1+1	2			
		Urbanização (Critério 5x)	Negativo	Alta	Alta	5x(3+1)	20			

MATRIZ DE IMPACTOS			CRITÉRIOS			PONTUAÇÃO		POSITIVO	NEGATIVO	
TRECHOS	CENÁRIOS	IMPACTOS	VALOR	RELEVÂNCIA	REVERSIBILIDADE					
QB: 17.	Reservatório / Represamento em área antropizada	Densamente urbanizado - com flexibilização de ocupação - Real	Permeabilidade do solo	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4	25	20
			Cobertura vegetal mata ciliar	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		
			Influência sobre mancha de inundação	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		
			Influência sobre a fauna	Negativo	Baixa	Média	1+3	4		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Negativo	Baixa	Baixa	1+3	4		
			Urbanização (Critério 5x)	Positivo	Média	Baixa	5x(2+3)	25		
		Ações de Renaturalização - Hipotética	Permeabilidade do solo	Positivo	Baixa	Alta	1+3	4	20	25
			Cobertura vegetal mata ciliar	Positivo	Baixa	Alta	1+3	4		
			Influência sobre mancha de inundação	Positivo	Baixa	Alta	1+3	4		
			Influência sobre a fauna	Positivo	Baixa	Alta	1+3	4		
			Estabilidade das margens / risco de deslizamentos / erosões	Positivo	Baixa	Média	1+3	4		
			Urbanização (Critério 5x)	Negativo	Média	Baixa	5x(2+3)	25		

## 5.2 Análise e discussão da matriz de impactos

De acordo com o Código Florestal, Áreas de Preservação Permanente (APPs) são protegidas, com a *“função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas”*.

Esta condição geralmente é encontrada em áreas onde há o predomínio de remanescentes florestais, com as características naturais do solo, sem a presença de agentes perturbadores (ruídos constantes, trânsito de pessoas e veículos, fontes de poluição atmosférica, descarte irregular de resíduos, etc).

Importa destacar que na microbacia em estudo foram identificadas extensas áreas de cobertura florestal, com suas características ecológicas predominantemente preservadas. Estas áreas ocupam 478.018,44 m<sup>2</sup> na microbacia, o que equivale a 62% da área total. Na projeção das APPs, a vegetação densa está presente em 148.898,83 m<sup>2</sup>, o que representa a 82,5% da cobertura das margens dos rios existentes.

A análise da matriz de impactos apontou para a manutenção da projeção das APPs nos trechos associados à vegetação densa. Embora haja diferença na qualidade da vegetação e nas condições do entorno desses trechos (clareiras, retificação dos trechos, ou presença parcial da vegetação sobre a margem do corpo hídrico), os macrocenários que apresentam a vegetação densa apresentam características que demonstram a importância e função ambiental dessas APPs.

Nos trechos situados próximos às nascentes e a eles conectados (trechos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 23 e 24) observa-se que a mancha ocupada pelo fragmento se estende por grande área de mata contínua que, inclusive, é parcialmente abrangida pela Área Urbana de Proteção Ambiental nas áreas acima da isoípsa de 40 metros.

O trecho 13 (Quadrante B) possui sua margem parcialmente inserida na vegetação densa. A outra margem, embora predominantemente desprovida de vegetação, não possui edificações, tampouco é utilizada como estacionamento ou apresenta vias de acesso. A outra margem, por sua vez, contempla uma vegetação densa contígua a um morro com nascentes e cota 40. Neste caso, ainda que uma das margens esteja projetada em área sem cobertura florestal, fazendo parte de um terreno industrial, dentro da AUC, observa-se que ao longo do trecho as funções ambientais

atribuídas à APP são mantidas, especialmente pela conectividade que representa a outras áreas sensíveis. Por esta razão, o resultado da matriz de impactos apontou para baixa relevância no critério de urbanização e prevaleceram os benefícios de se manter as restrições da APP sobre estas margens.

Já os trechos 21, 26 e 27, todos do Quadrante C, não estão diretamente conectados à grande malha florestal dos morros, porém fazem parte de um fragmento com vegetação densa, que extrapola os limites da APP e se conecta à margem vegetada do Rio Mississippi.

Ainda que o rio Mississippi faça parte de outra microbacia, é importante destacar que praticamente toda sua extensão se encontra mapeada na proposta de criação de um corredor ecológico, conforme descrito no Plano Municipal da Mata Atlântica. Nesta proposta, o corredor continua pela MB 26-4 sobre os trechos 27, 21, 20, 19, 13 e 12. Neste sentido, observa-se a relação do fragmento com a proposta do corredor por meio da conectividade da malha florestada.

No final do Quadrante C, nota-se que parte da margem do curso hídrico já foi retificada (Trechos 21 e 27) e tem sido objeto de ações de manutenção e limpeza do canal. Com isso há certa degradação da vegetação em parte da margem do curso hídrico. Porém, na projeção das duas margens da APP predominam as condições naturais, onde se desenvolve a vegetação densa, que se conecta à margem do rio Mississippi, já fora da MB 26-4.

Esta condição de predominância da vegetação arbórea, a ausência de edificações na APP, vias e outros equipamentos urbanos, além da condição de inundação que afeta o final do trecho, a conectividade com as margens vegetadas de um importante curso hídrico da microbacia adjacente, conferem especial significado às funções ambientais em suas margens e pesam nos critérios que caracterizam a existência da APP.

Nos demais macro cenários (trechos 17, 18, 19, 20a, 20b, 20c e 25), onde se encontram os trechos fechados ou abertos em meio a áreas antropizadas, a análise da matriz de impactos apontou para a perda da função ambiental da APP, prevalecendo, assim, a aplicação da Faixa Não Edificável (FNE).

### **5.2.1 Atestado da perda das funções ecológicas inerentes às Áreas de Preservação Permanentes (APPs)**

O trecho 17 compreende um represamento de água situado nos fundos do pátio de uma empresa de fundição, fazendo divisa com a vegetação densa. Parte da margem de 30 m deste represamento abrange áreas edificadas e vias internas de acesso aos galpões. Imediatamente após o represamento, o curso hídrico flui fechado, por tubulação que passe por entre as edificações.

Nos trechos 19 e 20a observa-se a ausência da vegetação densa. Ali existe um pequeno agrupamento de árvores que ocupa uma estreita margem do trecho fechado, com o curso já retificado. Dentro da projeção da APP desenvolve-se o cenário das áreas abertas com árvores isoladas. Também foi registrado que parte da via de circulação interna que atende a uma empresa na margem Sul, bem como parte das edificações próximas do corpo hídrico, na margem Norte, estão compreendidas nesta projeção, sendo que uma delas atende ao Corpo de Bombeiros Voluntários.

O trecho 20b se refere a uma extensão de 2,53 m, que se encontra aberta até a passagem sob a Rua Dona Francisca, identificada como trecho 20c.

Desta forma, observa-se que a conectividade entre os trechos 20 e 21 já se perdeu devido à tubulação e à existência da via pública, que se apresenta como importante barreira ecológica. Neste caso, atesta-se a perda da função ecológica das APPs nestas margens, visto a ausência da mata ciliar, a proximidade das atividades industriais e seus impactos negativos em relação à geração de ruídos, trânsito de pessoas e veículos, e ao isolamento do fluxo hídrico por meio de tubulação.

A perda da função ecológica também é observada para os trechos 18 e 25, onde o fluxo hídrico também corre por meio de tubulação que passa sob lotes e via. Na margem desses trechos é que se concentra a maior parte das áreas edificadas, registradas nas APPs. Os trechos fechados encontrados em campo representam 15,8% em relação ao comprimento total dos cursos hídricos da microbacia.

Com o envelopamento do curso hídrico nesses trechos é evidente a perda da interação dos processos hidrodinâmicos e a consequente relação com o solo. No trecho 18 já não há mais a presença da vegetação densa, visto que este trecho se encontra margeado por edificações. O trecho 25 se inicia sob a R. Dona Francisca; e embora apresente parte de sua margem com vegetação densa, a outra margem está sobreposta



a um terreno desprovido de vegetação. Neste caso, onde o curso hídrico corre em trechos fechados, entende-se que a perda da função ambiental da APP esteja refletida tanto na falta de interação do curso com o solo e com a fauna, quanto com a perda da conectividade da vegetação.

### **5.2.2 Demonstração da irreversibilidade da situação, por ser inviável, na prática, a recuperação da área de preservação**

Conforme foi apresentado no início deste estudo, no item dos Dados de ocupação urbana consolidada à margem de corpo d'água, observa-se que a área total edificada na margem dos 30 metros da APP da microbacia é relativamente pequena, ocupando apenas 1,74% da APP total. Desta área, 100% se encontra sob a influência de rios tubulados ou de represamento em área antropizada. Essas áreas edificadas se concentram em maior parte na região do Quadrante B, onde parte dos trechos fechados já está incorporado à drenagem urbana.

A remoção das benfeitorias já instaladas possui efeito negativo de grande impacto para o desenvolvimento econômico, em especial para a empresa Embraco Fundação, visto que parte de suas instalações está na projeção da APP. A renaturalização do trecho 18 implicaria em remoção de parte das edificações, alteração no layout da empresa, impactos no processo produtivo, alteração na drenagem, abertura do canal, recuperação do solo e revegetação das margens. Consequentemente, haveria a demanda de ampliação da área a ser ocupada pela atividade, o que poderia implicar em conversão de novas áreas vegetadas para o uso alternativo do solo. Ainda que existam áreas passíveis para o corte no imóvel, a depender da aprovação do órgão ambiental, a redução das áreas vegetadas poderá implicar em maiores prejuízos ao ambiente natural.

A renaturalização do trecho 20 implicaria na projeção da APP sobre a edificação ocupada pelo Corpo de Bombeiros. Além disso, considerando a natureza das atividades no seu entorno imediato, haveria redução das áreas utilizáveis nos imóveis e a necessidade de realocação de uma via interna de uma das empresas.

Pelos efeitos negativos para o processo de urbanização, com grande relevância na Matriz de Impactos, e pela perda das funções ambientais das margens dos cursos d'água nesse cenário, demonstra-se ser inviável a recuperação das margens ao longo dos trechos destacados.

### **5.2.3 Constatação da irrelevância dos efeitos positivos que poderiam ser gerados com a observância da área de proteção, em relação a novas obras**

Nos trechos tubulados 19 e 20, nos quais se manifestam os cenários das áreas abertas com árvores isoladas, ainda que haja possibilidade de reversibilidade da situação, os efeitos positivos que podem ser gerados com a observância da APP em relação a novas obras tornam-se irrelevantes ao avaliarmos a perda da conectividade com o maciço, a natureza do uso das áreas e no entorno imediato.

Nas outras áreas em que o trecho é fechado, isolado por tubulação, com a perda das características naturais em todo seu entorno, dada a realidade das edificações e uso do solo ao longo das vias, é irrelevante qualquer ação de promoção da revegetação de suas margens nos lotes ainda desocupados.

A promoção da revegetação dessas áreas não surtiria efeito ecológico positivo para as margens do curso hídrico, visto já se tratarem de trechos fechados. Assim, não há prevalência dos efeitos positivos esperados para o reconhecimento da função ambiental da APP, dada a falta de conectiva com áreas naturais e a grande influência das atividades antrópicas em todo o entorno.

Para esses trechos, em eventual condição de nova edificação, o recuo da APP representaria ganhos limitados para a ocorrência dos processos da função ambiental das margens do curso hídrico. O uso consolidado para fins industriais no entorno imediato representa, por si só, grande pressão negativa para o estabelecimento de processos ecológicos mais complexos, que dependem da participação da fauna. Isto porque, conforme dito, estes trechos estão inseridos no contexto de atividades industriais, que contam com fluxo constante de veículos e pessoas e a mata ciliar sempre estará sob os efeitos de borda. Por se tratar de áreas planas, os efeitos negativos de erosão não são relevantes, assim como os efeitos negativos de inundação, visto se tratarem de trechos curtos e fora da mancha de inundação da bacia hidrográfica.

Contudo, destaca-se novamente a relevância no contexto geral do corredor ecológico proposto pelo PMMA. Conforme extraído do Mapa das Áreas Prioritárias para Conservação e Recuperação, o traçado do corredor sobrepõe-se aos trechos 19 e 20.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da matriz de impactos, percebe-se que a manutenção do cenário real nos trechos de corpos d'água abertos com vegetação densa, mesmo aqueles parcialmente inseridos em vegetação densa, apresenta mais impactos positivos quando comparado com o cenário hipotético, que consistiria na flexibilização de uso das áreas. A extensão das áreas vegetadas que se formam com essas conexões resultam em ambientes com condições ecológicas mais preservadas, que possibilitam a ocorrência de processos de interações intra e interespecíficas mais complexas, além de também cumprir a função ecológica da estabilidade das margens do corpo hídrico, melhora na qualidade de vida da população, conforto térmico na região, proteção dos recursos hídricos, aumento da permeabilidade do solo.

Desta forma, de acordo com os resultados da matriz de impacto, as margens dos cursos d'água que atravessam este cenário atendem as características da função ambiental das APPs, devendo ser mantidos seus recuos, conforme definido pelo código florestal.

Nos trechos fechados que passam por áreas abertas com árvores isoladas, observou-se que se tratam de pequenas extensões representadas pelos trechos 19, 20a e 20c que, no entanto, perdem a conectividade com o fragmento presente já no trecho 21 em virtude da tubulação existente sob a Rua Dona Francisca. Em suas margens há a descaracterização da vegetação nativa e está consolidado o uso das atividades exercidas nos lotes adjacentes. Portanto são áreas que não são favoráveis para a presença e locomoção da fauna entre os maciços florestais.

Assim, os resultados na matriz de impactos apontaram para os efeitos positivos da flexibilização das margens, como FNE.

Já nos trechos fechados/tubulados, que passam sob edificações, onde a maior parte da malha hídrica já está incorporada à drenagem urbana, os resultados da matriz de impactos também apontaram para os efeitos positivos da flexibilização de uso. Isto porque, a naturalização dos trechos implicaria na remoção de toda a infraestrutura existente.

### **6.1 Tabela de atributos**

Segue a tabela de atributos com as informações do diagnóstico da área estudada, contendo a caracterização, numeração e restrição ambiental dos trechos analisados:

Tabela 10 - Tabela de atributos

num_trecho	func_amb	restric	nclas_hid	quadr	resp_tecni	observ
1	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
2	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
3	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
4	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
5	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	em APP de nascente.
6	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	em APP de nascente.
7	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
8	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA; parcialmente em APP de nascente.
9	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
10	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA; parcialmente em APP de nascente.
11	SIM	APP	Corpo d'Água	A	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.
12	SIM	APP	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.
13	SIM	APP	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.
14	SIM	APP	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
15	SIM	APP	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
16	SIM	APP	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
17	NÃO	FNE	Reservatório/Represamento	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
18	NÃO	FNE	Corpo d'Água (Tubulado/Galeria Fechada)	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
19	NÃO	FNE	Corpo d'Água	B	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA; trecho fechado sob lote - necessita de correção da base.
20a	NÃO	FNE	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA; trecho fechado sob lote - necessita de correção da base.
20b	NÃO	FNE	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
20c	NÃO	FNE	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	trecho fechado sob via - necessita de correção da base.
21	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.
22	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
23	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente em APP de nascente.
24	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
25	NÃO	FNE	Corpo d'Água (Tubulado/Galeria Fechada)	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	
26	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	parcialmente inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.
27	SIM	APP	Corpo d'Água	C	San Carlos de Oliveira - Geógrafo - ART 8721809-6	inserido na projeção do corredor ecológico do PMMA.

## **6.2 Mapa com a caracterização dos trechos de corpos d'água na microbacia em estudo**

Segue o mapa com as legendas conforme tabela de atributos, representando os trechos nos quais serão mantidas a função de APP e os trechos em que serão adotadas faixas marginais distintas (FNE).

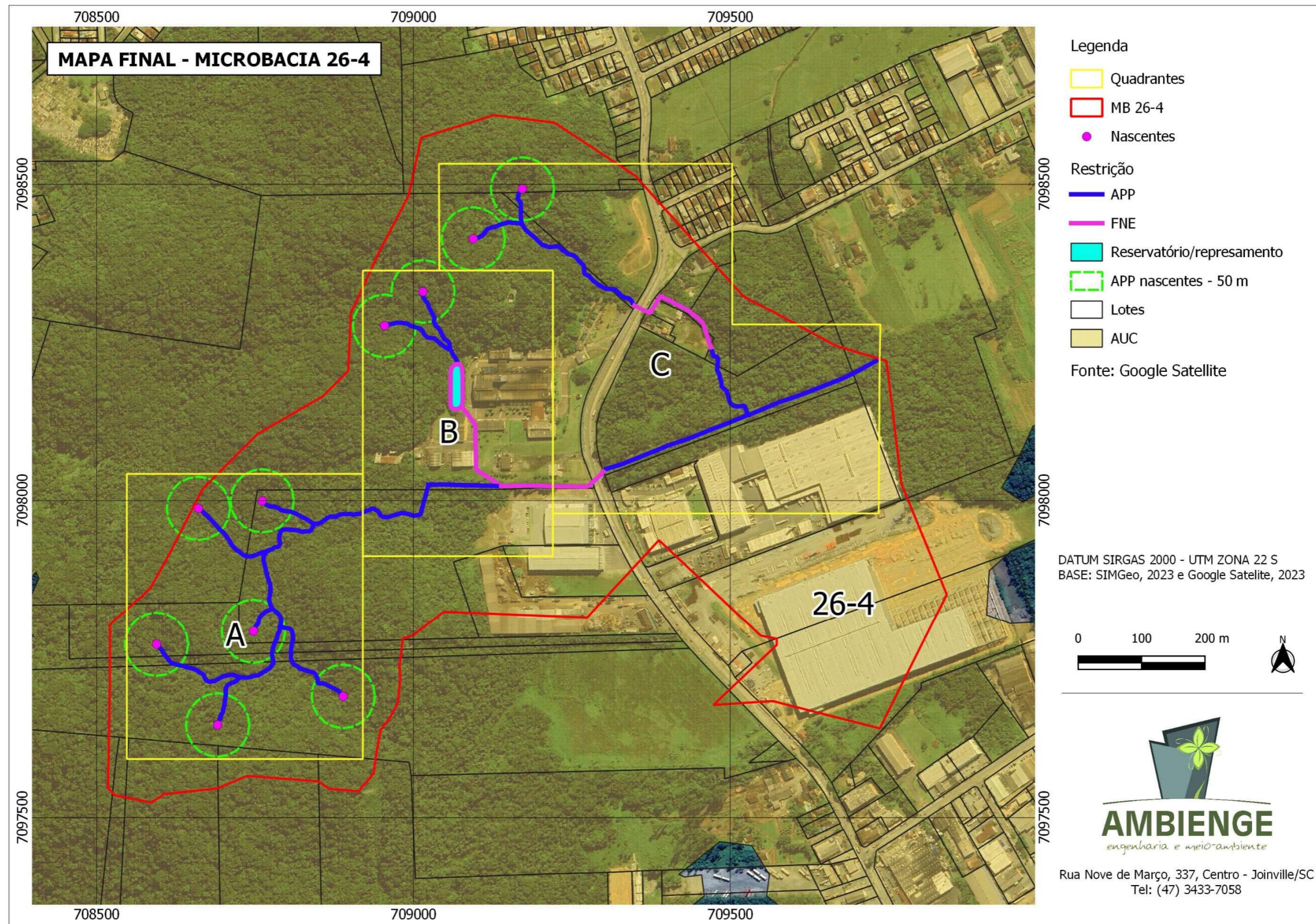


Figura 12 - Mapeamento da microbacia com caracterização dos trechos de corpos d'água.

### 6.3 Observações e recomendações

Durante os trabalhos de campo para averiguar os trechos dos corpos d'água, foi verificada a divergência entre os dados do mapeamento hidrográfico do SIMGeo (PMJ) e a realidade de campo, conforme quadro abaixo.

Tabela 11 - Descrição e recomendações de divergências observadas

Identificação do Trecho	Coordenadas	Descrição	Recomendação
19	709138.301,7098023.099 até 709220.013,7098022.616	Classificação divergente da base.	Necessita de correção da base.
20a	709220.013,7098022.616 até 709278.202,7098024.586	Classificação divergente da base.	Necessita de correção da base.
20c	709280.042,7098026.340 até 709299.351,7098045.608	Classificação divergente da base.	Necessita de correção da base.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa e dá outras providências. DOU de 28.5.2012.

BÉRNILS, R.S.; GIRAUDO, A.R.; CARREIRA, S. & CECHIN, S.Z. Répteis das porções subtropical e temperada da Região Neotropical. **Cienc. Ambient**, v. 35, p. 101-136, 2007.

CHEREM, J.J.; SIMÕES-LOPES, P.C.; ALTHOFF, S.; GRAIPEL, M.P. Lista dos mamíferos do Estado de Santa Catarina, Sul do Brasil. **Mastozoología Neotropical**, v.11, p. 151-184, 2004.

COMITTI, E. J. Herpetofauna da bacia do rio Cachoeira, município de Joinville, Santa Catarina, Sul do Brasil. **Acta Biológica Catarinense**, 4(3), 90-105, 2017.



COSTA, L. D. S. Levantamento de mamíferos silvestres de pequeno e médio porte atropelados na BR- 101, entre os Municípios de Joinville e Piçarras, Santa Catarina. **Bioscience Journal**, 27(3):666-672, 2011.

DORNELLES, S. S. et al. Diversidade de mamíferos em fragmentos florestais urbanos na Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, Joinville, SC. **Acta Biológica Catarinense**, 4.3: 126-135, 2017.

GROSE, A. V. Avifauna na Bacia Hidrográfica do Rio Cachoeira, Joinville, Santa Catarina. **Acta Biológica Catarinense**, 4.3: 106-125, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de biomas do Brasil Escala 1:5.000.000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**. Série manuais técnicos em Geociências 1. 2ª ed. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KLEIN, Roberto Miguel. **Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina**. Herbário "Barbosa Rodrigues", 1978.

LUCAS, E.M. **Diversidade e conservação de anfíbios anuros no Estado de Santa Catarina, sul do Brasil**. São Paulo – Tese de Doutorado. Instituto de Biociências, USP, 2008.

MELO JR., J.C.F. de *et al.* **Espiando a Mata Atlântica: elementos para conservação da biodiversidade em Unidades de Conservação: guia**. Joinville, SC: Editora da Univille, 2015.

MAIA, *et al.* **Bacias Hidrográficas da Região de Joinville**. UNIVILLE, 2013.

OLIVEIRA, T.M.N. *et al.* (Org.). Diagnóstico Ambiental do rio do Braço. 1. ed. Joinville: UNIVILLE, 2009.

PERINI BUSINESS PARK / GGES LTDA. **Estudo de Impacto Ambiental:** Expansão do Condomínio Industrial Perini Business Park – IV Fase. Joinville: GGES LTDA, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Decreto nº 8.055, de 15 de março de 1997. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental Serra Dona Francisca, no Município de Joinville e dá outras providências.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Decreto nº 19.665, de 9 de outubro de 2012. Cria a Área de Relevante Interesse Ecológico do Morro do Iriú.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Lei Complementar nº 140, de 21 de fevereiro de 2017. Redefine e institui, respectivamente, os Instrumentos de Controle Urbanístico - Estruturação e Ordenamento Territorial do Município de Joinville, partes integrantes do Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável do Município de Joinville e dá outras providências.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Joinville Cidade em Dados 2020 - Ambiente Natural. [s.l: s.n.].

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental Serra Dona Francisca.** Vol. I e II, 03PJE0109 Ver. A. Joinville, SC, 2012.

PMJ - Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável. **Joinville Bairro a Bairro 2017.** Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Joinville-Bairro-a-Bairro-2017.pdf>. Acesso em 2023.

RUSZCZYK, A. Ecologia urbana de borboletas, I. O gradiente de urbanização e a fauna de Porto Alegre - RS. **Revista Brasileira de Biologia**, v. 46, p. 675-688, 1986.

**SIMGEO. Sistema de Informações Municipais Georreferenciadas (SIMGeo). Prefeitura Municipal de Joinville.** Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/publicacoes/downloads-sistema-de-informacoes-municipais-georreferenciadas-simgeo/>. Acesso em 2023. Base de dados.

TURNER, IM. Species Loss in Fragments of Tropical Rain Forest: A Review of the Evidence. **Journal of Applied Ecology**, 33: 200-209, 1996.

VIBRANS, A.C.; SEVEGNANI L.; LINGNER, D.V.; GASPER, A.L. de & SABBAGH, S. (eds). **Inventário florístico florestal de Santa Catarina (IFFSC)**. Vol. VI. Epífitos da floresta ombrófila densa de Santa Catarina: um guia de campo. Edifurb, Blumenau, 2010.

VIBRANS, A.C. *et al.* MonitoraSC: um novo mapa de cobertura florestal e uso da terra do estado de Santa Catarina. **Agropecuária Catarinense**, Florianópolis, v. 34, p. 42-48, n. 2, maio/ago. 2021.

WOLFF, JO; EM SCHAUBER e WD EDGE. Effects of habitat loss and fragmentation on the behavior and demography of Gray-tailed voles. **Conservation Biology**, 11(4): 945-956, 1997.

## 8. ASSINATURAS DOS RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

<b>Empresa Responsável</b>	
Razão Social	Ambienge Engenharia e Meio Ambiente Ltda
CNPJ	10.981.874/0001-20
Endereço	Rua Nove de Março, 337, Sala 314, Centro – 89.201-400 – Joinville/SC

<b>Responsáveis Técnicos</b>	
Nome	San Carlos de Oliveira
Formação	Geógrafo
CREA	8701210-0
<b>Assinatura</b>	
Nome	Priscila de Lima Watanabe Quandt
Formação	Bióloga
CRBio	058.288-09
<b>Assinatura</b>	

## 9. ANEXOS

### 9.1 Lista da fauna

- Mamíferos: “SC” espécies ameaçadas de extinção em Santa Catarina; “BR” espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Onde: EN = Em Perigo; VU = Vulnerável; CR = Criticamente Ameaçado.

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<b>Ordem Artiodactyla</b>			
<b>Família Cervidae</b>			
<i>Mazama americana</i>	Veado	EN	
<i>Mazama gouazoubira</i>	Veado-catingueiro		
<b>Ordem Carnivora</b>			
<b>Família Canidae</b>			
<i>Cerdocyon thous</i>	Cachorro-do-mato		
<b>Família Felidae</b>			
<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica	EN	
<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato		EN
<i>Leopardus wiedii</i>	Gato-do-mato		VU
<b>Família Mustelidae</b>			
<i>Eira Barbara</i>	Irara		
<b>Família Procyonidae</b>			
<i>Nasua nasua</i>	Quati		
<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada		
<b>Ordem Chiroptera</b>			
<b>Família Molossidae</b>			
<i>Nyctinomops laticaudatus</i>	Morcego		
<i>Tadarida brasiliensis</i>	Morcego		
<b>Família Noctilionidae</b>			
<i>Artibeus jamaicensis</i>	Morcego		
<i>Desmodus rotundus</i>	Morcego-vampiro		
<b>Família Phyllostomidae</b>			
<i>Anoura caudifera</i>	morcego-beija-flor		
<i>Artibeus lituratus</i>	morcego-das-frutas		
<i>Artibeus fimbriatus</i>	morcego-das-frutas		
<i>Artibeus obscurus</i>	morcego-das-frutas		
<i>Carollia perspicillata</i>	Morcego		
<i>Chrotopterus auritus</i>	Morcego		
<i>Micronycteris megalotis</i>	morcego		
<i>Pygoderma bilabiatum</i>	Morcego		
<i>Sturnira lilium</i>	Morcego-amarelo-de-ombros		
<b>Família Vespertilionidae</b>			
<i>Eptesicus furinalis</i>	Morcego		
<i>Histiotus alienus</i>	Morcego-marrom-de-orelhas-grandes	CR	
<i>Histiotus velatus</i>	Morcego		

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<i>Lasiurus borealis</i>	Morcego-vermelho		
<i>Myotis levis</i>	Morcego		
<i>Myotis nigricans</i>	Morcego-preto		
<i>Myotis ruber</i>	Morcego-vermelho		
<b>Ordem Cingulata</b>			
<b>Família Dasypodidae</b>			
<i>Cabassous tatouay</i>	Tatu-de-rabo-mole		
<i>Dasytus novemcinctus</i>	Tatu-galinha		
<i>Dasytus setemcinctus</i>	Tatu-mulita		
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peludo		
<b>Ordem Didelphimorphia</b>			
<b>Família Didelphidae</b>			
<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca-d'água	VU	
<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca		
<i>Didelphis aurita</i>	Gambá-de-orelha-preta		
<i>Didelphis marsupialis</i>	Gambá-comum		
<i>Gracilianus microtarsus</i>	Guaiquica		
<i>Marmosa paraguayana</i>	Guaiquica		
<i>Micoureus demerarae</i>	Cuicão		
<i>Monodelphis iheringi</i>	Cuíca-de-três-listras		
<i>Monodelphis scalops</i>	Cuíca		
<i>Monodelphis sorex</i>	Cuíca		
<i>Philander frenatus</i>	Cuíca		
<i>Philander opossum</i>	Cuíca		
<b>Ordem Pilosa</b>			
<b>Família Myrmecophagidae</b>			
<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim		
<b>Ordem Primates</b>			
<b>Família Atelidae</b>			
<i>Alouatta guariba clamitans</i>	Bugio	VU	
<b>Família Cebidae</b>			
<i>Sapajus nigratus</i>	Macaco-prego		
<b>Ordem Rodentia</b>			
<b>Família Caviidae</b>			
<i>Cavia aperea</i>	Preá		
<i>Cavia magna</i>	Preá		
<i>Cavia fulgida</i>	Preá		
<b>Família Cricetidae</b>			
<i>Euryoryzomys russatus</i>	rato-do-mato		
<i>Oligoryzomys cf. nigripes</i>	rato-do-mato		
<b>Família Cuniculidae</b>			
<i>Cuniculus paca</i>	Paca	VU	
<b>Família Dasyproctidae</b>			
<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia		
<b>Família Echimyidae</b>			
<i>Phyllomys sulinus</i>	Rato-de-espinho		
<i>Phyllomys medius</i>	Rato-de-espinho		
<i>Euryzgomatomys spinosus</i>	Rato-de-espinho		
<i>Kannabateomys amblyonyx</i>	Rato-da-taquara		

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<b>Família Erethizontidae</b>			
<i>Coendous spinosus</i>	Ouriço		
<i>Sphiggurus villosus</i>	Ouriço		
<b>Família Hydrochoerinae</b>			
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	Capivara		
<b>Família Muridae</b>			
<i>Akodon montensis</i>	Rato-do-chão		
<i>Delomys dorsalis</i>	Rato-do-mato		
<i>Delomys sublineatus</i>	Rato-do-mato		
<i>Mus musculus</i>	Ratinho		
<i>Nectomys squamipes</i>	Rato-d'água		
<i>Oecomys catherinae</i>	Rato-da-árvore		
<i>Oryzomys angouya</i>	Rato-de-arroz		
<i>Oryzomys russatus</i>	Rato-cabeça-arroz		
<i>Oxymycterus judex</i>	Rato-do-brejo		
<i>Rattus rattus</i>	Ratinho		
<i>Rattus norvegicus</i>	Ratinho		
<b>Família Myocastoridae</b>			
<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado		
<b>Família Sciuridae</b>			
<i>Guerlinguetus ingami</i>	esquilo		
<i>Sciurus aestuans</i>	Serelepe		

- Aves: “SC” espécies ameaçadas de extinção em Santa Catarina; “BR” espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Onde: EN = Em Perigo; VU = Vulnerável; CR = Criticamente Ameaçado.

Família / Espécie	Nome Comum	SC	BR
<b>Ordem Accipitriformes</b>			
<b>Família Accipitridae</b>			
<i>Amadonastur lacernulatus</i>	gavião-pombo-pequeno		VU
<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-cauda-curta		
<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura		
<i>Harpagus diodon</i>	gavião-bombachinha		
<i>Heterospizias meridionalis</i>	gavião-caboclo		
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó		
<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pega-macaco		
<b>Ordem Anseriformes</b>			
<b>Família Anatidae</b>			
<i>Dendrocygma viduata</i>	Marreca-piadeira		
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-de-pé-vermelho		
<b>Ordem Apodiformes</b>			
<b>Família Apodidae</b>			
<i>Chaetura cinereiventris</i>	andorinhão-de-sobre-cinzento		
<i>Chaetura meridionalis</i>	andorinhão-do-temporal		
<i>Streptoprocne zonaris</i>	taperuçu-de-coleira-branca		

<b>Família / Espécie</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>SC</b>	<b>BR</b>
<b>Ordem Apodiformes</b>			
<b>Família Trochilidae</b>			
<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta-verde		
<i>Amazilia versicolor</i>	beija-flor-de-banda-branca		
<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta		
<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	Beija-flor-cinza		
<i>Chlorostilbon lucidus</i>	besourinho-de-bico-vermelho		
<i>Clytolaema rubricauda</i>	beija-flor-rubi		
<i>Eupetomena macroura</i>	beija-flor-tesoura		
<i>Heliodoxa rubricauda</i>	beija-flor-rubi		
<i>Leucochloris albicollis</i>	beija-flor-de-papo-branco		
<i>Melanotrochilus fuscus</i>	Beija-flor-preto-de-rabo-branco		
<i>Ramphodon naevius</i>	Beija flor rajado		
<i>Florisuga fusca</i>	beija-flor-preto		
<i>Phaethornis eurynome</i>	rabo-branco-de-garganta-rajada		
<i>Phaethornis squalidus</i>	rabo-branco-pequeno		
<i>Thalurania glaucopis</i>	beija-flor-de-fronte-violeta		
<b>Ordem Caprimulgiformes</b>			
<b>Família Caprimulgidae</b>			
<i>Antrostomus rufus</i>	joão-corta-pau		
<i>Lurocalis semitroquatus</i>	tujú		
<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau		
<b>Ordem Cathartiformes</b>			
<b>Família Cathartidae</b>			
<i>Cathartes aura</i>	urubu-de-cabeça-vermelha		
<i>Coragyps atratus</i>	urubu-de-cabeça-preta		
<b>Família Charadriidae</b>			
<i>Jacana jacana</i>	jaçanã		
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero		
<b>Ordem Columbiformes</b>			
<b>Família Columbidae</b>			
<i>Columba livia</i>	Pomba-doméstica		
<i>Claravis pretiosa</i>	Paparu-azul		
<i>Columbina talpacoti</i>	Rolinha-roxa		
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemeadeira		
<i>Leptotila verreauxi</i>	Juriti-pupu		
<i>Patagioenas cayunnensis</i>	Pomba-galega		
<i>Patagioenas picazuro</i>	Pombão		
<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa		
<i>Zenaida auriculata</i>	avoante		
<b>Ordem Coraciiformes</b>			
<b>Família Alcedinidae</b>			
<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande		
<b>Ordem Cuculiformes</b>			
<b>Família Cuculidae</b>			



<b>Família / Espécie</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>SC</b>	<b>BR</b>
<i>Guira guira</i>	Anu-branco		
<i>Crotophaga ani</i>	Anu-preto		
<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato		
<b>Família Taperinae</b>			
<i>Tapera naevia</i>	saci		
<b>Ordem Falconiformes</b>			
<b>Família Falconidae</b>			
<i>Caracara plancus</i>	Carcará		
<i>Falco femoralis</i>	Falcão-de-coleira		
<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relógio		
<i>Milvago chimachima</i>	Carrapateiro		
<b>Ordem Galbuliformes</b>			
<b>Família Bucconidae</b>			
<i>Malacoptila striata</i>	barbudo-rajado		
<b>Ordem Galliformes</b>			
<b>Família Cracidae</b>			
<i>Penelope obscura</i>	jacuguaçu		
<i>Ortalis guttata</i>	aracuã		
<b>Ordem Gruiformes</b>			
<b>Família Rallidae</b>			
<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato		
<b>Ordem Nyctibiliformes</b>			
<b>Nyctibiidae</b>			
<i>Nyctibius griseus</i>	urutau		
<b>Ordem Passeriformes</b>			
<b>Família Cardinalidae</b>			
<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso		
<b>Família Conopophagidae</b>			
<i>Conopophaga lineata</i>	chupa-dente		
<i>Conopophaga melanops</i>	cuspidor-de-máscara-preta		
<b>Família Corvidae</b>			
<i>Cyanocorax caeruleus</i>	gralha-azul		
<b>Família Cotingidae</b>			
<i>Procnias nudicollis</i>	araponga		
<i>Pyroderus scutatus</i>	pavó		
<b>Família Dendrocolaptidae</b>			
<i>Dendrocincla turdina</i>	arapaçu-liso		
<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde		
<i>Xiphocolaptes albicollis</i>	arapaçu-de-garganta-branca		
<i>Xiphorhynchus fuscus</i>	arapaçu-rajado		
<b>Família Emberizidae</b>			
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário-da-terra-verdadeiro		
<i>Sporophila caeruleascens</i>	Coleirinho		
<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico		
<i>Volatinia jacarina</i>	Tiziu		

<b>Família / Espécie</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>SC</b>	<b>BR</b>
<b>Família Estrildidae</b>			
<i>Estrilda astrid</i>	Bico-de-lacre		
<b>Família Formicariidae</b>			
<i>Chamaeza campanisona</i>	tovaca-campainha		
<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato		
<b>Família Fringillidae</b>			
<i>Euphonia chalybea</i>	cais-cais		
<i>Euphonia pectoralis</i>	ferro-velho		
<i>Euphonia violacea</i>	gaturamo-verdadeiro		
<b>Família Furnariidae</b>			
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i>	trepador-sobrancelha		
<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro		
<i>Philydor atricapillus</i>	limpa-folha-coroadado		
<i>Phylidor rufum</i>	limpa-folha-de-testa-baia		
<i>Synallaxis ruficapilla</i>	pichororé		
<i>Synallaxis spixi</i>	joão-teneném		
<b>Família Grallariidae</b>			
<i>Hylopezus nattereri</i>	pinto-do-mato		
<b>Família Hirundinidae</b>			
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora		
<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa		
<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa		
<b>Família Icteridae</b>			
<i>Cacicus haemorrhous</i>	Guaxe		
<i>Gnorimopsar chopi</i>	pássaro-preto		
<i>Molothrus bonariensis</i>	Vira-bosta		
<i>Molothrus oryzivorus</i>	iraúna-grande		
<i>Sturnella supercilialis</i>	Polícia-inglesa-do-sul		
<b>Família Mitrospingidae</b>			
<i>Orthogonys chloricterus</i>	Catirumbava		
<b>Família Parulidae</b>			
<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula		
<i>Geothlypis aequinoctialis</i>	pia-cobra		
<i>Myiothlypis rivularis</i>	pulapula-ribeirinho		
<i>Setophaga pitiayumi</i>	mariquita		
<b>Família Passeridae</b>			
<i>Passer domesticus</i>	pardal		
<b>Família Pipridae</b>			
<i>Chiroxiphia caudata</i>	tangará		
<i>Manacus manacus</i>	rendeira		
<b>Família Platyrinchidae</b>			
<i>Platyrinchus leucoryphus</i>	patinho-gigante	VU	
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	patinho		
<b>Família Rhinocryptidae</b>			
<i>Eleoscytalopus indigoticus</i>	macuquinho		

Família / Espécie	Nome Comum	SC	BR
<b>Família Rhynchocyclidae</b>			
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	tachuri-campainha		
<i>Hemitriccus orbitatus</i>	tiririzinho-do-mato		
<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	cabeçudo		
<i>Mionectes rufiventris</i>	abre-asa-de-cabeça-cinza		
<i>Myiornis auricularis</i>	miudinho		
<i>Todirostrum poliocephalum</i>	teque-teque		
<i>Tolmomyias sulphureus</i>	bico-chato-de-orelha-preta		
<i>Phylloscartes kronei</i>	maria-da-restinga		
<i>Phylloscartes sylvius</i>	maria-pequena		EN
<b>Família Scleruridae</b>			
<i>Sclerurus scansor</i>	vira-folha		
<b>Família Tachuridae</b>			
<i>Tachuris rubrigastra</i>	papa-piri	VU	
<b>Família Thamnophilidae</b>			
<i>Batara cinerea</i>	matracão		
<i>Drymophila ferruginea</i>	trovoada		
<i>Drymophila squamata</i>	pintadinho	EN	
<i>Dysithamnus mentalis</i>	choquinha-lisa		
<i>Dysithamnus stictothorax</i>	choquinha-de-peito-pintado		
<i>Herpsilochmus rufimarginatus</i>	chorozinho-de-asa-vermelha		
<i>Hypoedaleus guttatus</i>	chocão-carijó		
<i>Myrmoderus squamosus</i>	papa-formiga-da-grota		
<i>Myrmotherula unicolor</i>	choquinha-cinzenta		
<i>Pyriglena leucoptera</i>	papa-taoca-do-sul		
<i>Rhopias gularis</i>	choquinha-de-garganta-pintada		
<i>Terenura maculata</i>	zidedê		
<i>Thamnophilus caeruleus</i>	choca-da-mata		
<b>Família Thraupidae</b>			
<i>Chlorophanes spiza</i>	saí-verde		
<i>Coereba flaveola</i>	cambacica		
<i>Dacnis cayana</i>	saí-azul		
<i>Hemithraupis ruficapilla</i>	saíra-ferrugem		
<i>Lanio cristatus</i>	tiê-galo		
<i>Lanio melanops</i>	tiê-de-topete		
<i>Pipraeidea melanonota</i>	saíra-viúva		
<i>Ramphocelus bresilius</i>	tiê-sangue	VU	
<i>Saltator similis</i>	trinca-ferro		
<i>Tangara cyanocephala</i>	saíra-militar		
<i>Tangara cyanoptera</i>	sanhaçu-de-encontro-azul		
<i>Tangara palmarum</i>	sanhaçu-do-coqueiro		
<i>Tangara sayaca</i>	sanhaçu-cinzento		
<i>Tangara seledon</i>	saíra-sete-cores		
<i>Tersina viridis</i>	saí-andorinha		

<b>Família / Espécie</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>SC</b>	<b>BR</b>
<i>Thraupis cyanoptera</i>	Sanhaço-de-encontro-azul		
<b>Família Tityridae</b>			
<i>Pachyrampus castaneus</i>	caneleiro		
<i>Schiffornis virescens</i>	flautim		
<b>Família Troglodytidae</b>			
<i>Cantorchilus longirostris</i>	garrinchão-de-bico-grande		
<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra		
<b>Família Turdidae</b>			
<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira		
<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca		
<i>Turdus flavipes</i>	Sabiá-una		
<i>Turdus leucomelas</i>	Sabiá-branco		
<i>Turdus rufiventris</i>	sabiá-laranjeira		
<b>Família Tyrannidae</b>			
<i>Attila rufus</i>	capitão-de-saíra		
<i>Attila phoenicurus</i>	capitão-castanho		
<i>Campostoma obsoletum</i>	risadinha		
<i>Colonia colonus</i>	viuvinha		
<i>Conopias trivirgatus</i>	bem-te-vi-pequeno		
<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela		
<i>Elaenia mesoleuca</i>	tuque		
<i>Empidonomus varius</i>	peitica		
<i>Lathrotriccus euleri</i>	enferrujado		
<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata		
<i>Megarynchus pitangua</i>	neinei		
<i>Muscipipra vetula</i>	tesoura-cinzenta		
<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré		
<i>Myiodynastes maculatus</i>	bem-te-vi-rajado		
<i>Myiophobus fasciatus</i>	filipe		
<i>Myiozetetes cayanensis</i>	Bentevizinho-de-asa-ferruginea		
<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho		
<i>Phyllomyias fasciatus</i>	piolhinho		
<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi		
<i>Serpophaga nigricans</i>	joão-pobre		
<i>Sirystes sibilator</i>	gritador		
<i>Tyrannus melancholicus</i>	Suiriri		
<b>Família Vireonidae</b>			
<i>Cyclarhis gujanensis</i>	pitiguari		
<i>Hylophilus poicilotis</i>	verdinho-coroado		
<i>Vireo chivi</i>	juruviara		
<b>Família Xenopidae</b>			
<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo		
<b>Ordem Pelecaniformes</b>			
<b>Família Ardeidae</b>			

<b>Família / Espécie</b>	<b>Nome Comum</b>	<b>SC</b>	<b>BR</b>
<i>Ardea alba</i> (Leach, 1820)	Garça-branca-grande		
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	Garça-branca-pequena		
<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira		
<b>Família Threskiornithidae</b>			
<i>Plegadis chihi</i>	caraúna		
<i>Phimosus infuscatus</i>	Tapicuru-de-cara-pelada		
<b>Ordem Piciformes</b>			
<b>Família Picidae</b>			
<i>Celeus flavescens</i>	pica-pau-de-cabeça-amarela		
<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-do-campo		
<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca		
<i>Melanerpes candidus</i>	pica-pau-branco		
<i>Melanerpes flavifrons</i>	benedito-de-testa-amarela		
<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	VU	
<i>Picumnus temminckii</i>	Pica-pau-anão-de-coleira		
<i>Veniliornis spilogaster</i>	picapauzinho-verde-carijó		
<b>Família Ramphastidae</b>			
<i>Ramphastos dicolorus</i>	tucano-de-bico-verde		
<i>Selenidera maculirostris</i>	araçari-poca		
<b>Ordem Psittaciformes</b>			
<b>Família Psittacidae</b>			
<i>Brotogeris tirica</i>	periquito-rico		
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim		
<i>Pionopsitta pileata</i>	cuiú-cuiú		
<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde		
<i>Pyrrhura frontalis</i>	tiriba		
<i>Touit melanonotus</i>	apuim-de-costas-pretas	CR	VU
<i>Triclaria malachitacea</i>	sabiá-cica	VU	
<b>Ordem Strigiformes</b>			
<b>Família Strigidae</b>			
<i>Alsio clamator</i>	Coruja-orelhuda		
<i>Alsio stygius</i>	mocho-diabo		
<i>Megascops atricapilla</i>	corujinha-sapo		
<i>Megascops choliba</i>	corujinha-do-mato		
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i>	murucutu-de-barriga-amarela		
<i>Strix virgata</i>	coruja-do-mato		
<b>Ordem Tinamiformes</b>			
<b>Família Tinamidae</b>			
<i>Crypturellus noctivagus</i>	jaó-do-sul	EN	
<b>Ordem Trogonidae</b>			
<b>Família Trogonidae</b>			
<i>Trogon surrucura</i>	surucuá-variado		
<i>Trogon rufus</i>	surucuá-dourado		

- Anfíbios: “SC” espécies ameaçadas de extinção em Santa Catarina; “BR” espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Onde: VU = Vulnerável.

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<b>Ordem Anura</b>			
<b>Família Brachycephalidae</b>			
<i>Ischnocnema guentheri</i>	Rã da floresta		
<i>Ischnocnema henselli</i>			
<b>Família Craugastoridae</b>			
<i>Haddadus binotatus</i>	Rã de folhiço		
<b>Família Bufonidae</b>			
<i>Dendrophryniscus berthaltzae</i>	Sapinho da folhagem		
<i>Dendrophryniscus leucomystax</i>	Sapinho da restinga		
<i>Rhinella abei</i>	Sapo-da-floresta		
<i>Rhinella icterica</i>	Sapo-comum		
<i>Rhinella henseli</i>	Sapo-da-floresta		
<i>Rhinella ornata</i>	Sapo-da-floresta		
<b>Família Cycloramphidae</b>			
<i>Proceratophrys boiei</i>	Sapo-dos-chifres		
<i>Proceratophrys subguttata</i>	Sapo-boi-da-serra-do-mar		
<i>Cycloramphus boltoglossus</i>			
<i>Cycloramphus izecksohni</i>			
<b>Família Hylidae</b>			
<i>Aplastodiscus ehrahardtii</i>	Perereca-verde	VU	
<i>Aplastodiscus albosignatus</i>	Rã flautinha		
<i>Boana albomarginata</i>			
<i>Boana faber</i>			
<i>Bokermannohyla circumdata</i>	Perereca da serra do mar		
<i>Dendropsophus wernerii</i>	Perereca grilo		
<i>Dendropsophus microps</i>	Pererequinha		
<i>Dendropsophus minutus</i>	Pererequinha-do-brejo		
<i>Hypsiboas albomarginatus</i>	Perereca-araponga		
<i>Hypsiboas faber</i>	Sapo-martelo		
<i>Hypsiboas bischoffi</i>	Perereca		
<i>Hypsiboas guentheri</i>	Perereca		
<i>Hypsiboas semilineatus</i>			
<i>Scinax argyreornatus</i>	Perereca		
<i>Scinax catharinae</i>	Perereca-malhada		
<i>Scinax rizibilis</i>			
<i>Scinax aff. Alter</i>	Perereca-do-litoral		
<i>Scinax fuscovarius</i>	Perereca de banheiro		
<i>Scinax sp.</i>			

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<i>Trachycephalus mesophaeus</i>			
<i>Phyllomedusa distincta</i>	Filomedusa		
<b>Família Hylodidae</b>			
<i>Crossodactylus caramaschii</i>			
<i>Hylodes perplicatus</i>			
<b>Família Leiuperidae</b>			
<i>Physalaemus cuvieri</i>	Rãzinha-foi-não-foi		
<i>Physalaemus olfersii</i>	Rã bugio		
<b>Família Leptodactylidae</b>			
<i>Leptodactylus bokermanni</i>	Rãzinha		
<i>Leptodactylus nanus</i>	Rãzinha		
<i>Leptodactylus gracilis</i>	Rã-listrada		
<i>Leptodactylus latrans</i>	Rã manteiga		
<i>Leptodactylus ocellatus</i>	Rã-comum		

- Répteis: “SC” espécies ameaçadas de extinção em Santa Catarina; “BR” espécies ameaçadas de extinção no Brasil. Onde: VU = Vulnerável.

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<b>Ordem Testudines</b>			
<b>Família Chelidae</b>			
<i>Hydromedusa tectifera</i>	Pescoço-comprido		
<i>Phrynops hilarii</i>	Cágado-de-barbelas	VU	
<i>Trachemys dorbigni</i>	Tigre-d'água		
<b>Ordem Squamata</b>			
<b>Família Anguidae</b>			
<i>Ophiodes striatus</i>			
<b>Família Polychrotidae</b>			
<i>Enyalius iheringi</i>	Papa-vento		
<b>Família Gekkonidae</b>			
<i>Hemidactylus mabouia</i>	Lagartixa-das-casas		
<b>Família Teiidae</b>			
<i>Salvator merianae</i>	Teiú		
<b>Família Gymnophthalmidae</b>			
<i>Pantodactylus schreibersii</i>	Lagartixa-comum		
<b>Família Colubridae</b>			
<i>Chironius bicarinatus</i>	Cobra-cipó		
<i>Chironius exoletus</i>	Cobra		
<i>Chironius laevicollis</i>	Cobra-cipó		
<i>Chironius multiventris</i>	Cobra-cipó		
<b>Família Dipsadidae</b>			
<i>Dipsas albifrons</i>	Dormideira		
<i>Echianthera persimilis</i>	Cobra-cipó		
<i>Helicops carinicaudus</i>	Cobra-d'água		
<i>Liophis almadensis</i>	Cobra-de-capim		
<i>Liophis amarali</i>	Cobra		
<i>Liophis miliaris</i>	Cobra-d'água		

TÁXON	Nome Comum	SC	BR
<i>Liophis poecilogyrus</i>	Cobra-de-capim		
<i>Oxyrhopus clathratus</i>	Cobra-coral		
<i>Oxyrhopus rhombifer</i>	Falsa-coral		
<i>Philodryas aestivus</i>	Cobra-cipó-carehada		
<i>Philodryas olfersii</i>	Cobra-verde		
<i>Philodryas patagoniensis</i>	Parelheira		
<i>Sibynomorphus neuwiedii</i>	Dormideirinha		
<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i>	Dormideira		
<i>Siphlophis longicaudatus</i>	Dormideira		
<i>Sordellina punctata</i>	Cobra-d'água		
<i>Spilotes pullatus</i>	Caninana		
<b>Família Elapidae</b>			
<i>Micrurus altirostris</i>	Coral-verdadeira		
<i>Micrurus corallinus</i>	Coral-verdadeira		
<b>Família Viperidae</b>			
<i>Bothropoides jararaca</i>	Jararaca		
<i>Bothropoides jararacussu</i>	Jararacuçu		